



As “Portuguesas de Xangai” (1850-1952)

ALFREDO GOMES DIAS*

O estudo dos movimentos migratórios no mundo afirma-se cada vez mais pela análise das redes sociais que os suportam. No caso da diáspora macaense (séculos XIX e XX), estas redes alicerçaram-se, fundamentalmente, nas iniciativas protagonizadas pelos núcleos familiares que se integraram nas suas diversas correntes migratórias. Entre estas, o caso do fluxo Macau–Xangai não é uma exceção.

Fundada em meados do século XIX, a comunidade dos “portugueses de Xangai” formou-se através de duas lógicas migratórias distintas mas complementares. Desde muito cedo, a emigração masculina conviveu com uma emigração familiar, o que contribuiu para que aquela comunidade rapidamente consolidasse a sua presença na sociedade xangaiense, fortemente marcada por uma população de origens geográficas e culturais muito diversificadas.

Este foi o pano de fundo que ofereceu à mulher de Macau um papel singular na história desta comunidade ao longo do seu século existência, entre meados do século XIX e meados do século XX. Portadoras de um quadro cultural construído na sociedade de

Aspecto da Rua Jiujiang em Xangai em finais da década de 1920.

* Licenciado em História pela Universidade de Lisboa, mestre em Espaço Lusófono pela Universidade Lusófona, doutorado em Geografia Humana na Universidade de Lisboa com a dissertação *Diáspora Macaense. Macau, Hong Kong e Xangai (1850-1949)* (publicada em 2014). Investigador do Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Professor-Adjunto da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Degree in History from the Universidade de Lisboa; M.A. in ‘Espaço Lusófono’ from the Universidade Lusófona and Ph.D. in Human Geography from the Universidade de Lisboa with the thesis Diáspora Macaense. Macau, Hong Kong e Xangai (1850-1949) (published in 2014). Researcher of the Centre for Geographical Studies, Institute of Geography and Spatial Planning, Universidade de Lisboa. Lecturer at Lisbon’s Escola Superior de Educação.

ESTUDOS DE MACAU

origem, as mulheres da comunidade, uma vez em Xangai, vão incorporando formas de ser e de estar que ilustram a capacidade desta comunidade se adaptar às características da sociedade de acolhimento.

Importa considerar duas dimensões na análise do espaço social que as mulheres ocupavam no seio dos “portugueses de Xangai”: o casamento, que nos oferece indicadores particularmente interessantes sobre a capacidade da comunidade estabelecer pontes com outras comunidades culturais/nacionais; a actividade profissional, que nos ajuda compreender o processo de integração na sociedade xangaiense.

DIÁSPORA, INTEGRAÇÃO E REDES SOCIAIS

O estudo do papel social desempenhado pela mulher na corrente migratória Macau–Xangai e no processo de fixação da comunidade dos “portugueses de Xangai” só ganha relevância se contextualizado no quadro mais geral dos movimentos migratórios que corporizaram aquilo que designamos por “diáspora macaense”.¹ E porque “o que no fundo importa são os problemas”,² a análise que nos propomos desenvolver ao longo deste trabalho parte da questão de saber qual o papel social desempenhado pela mulher na construção das redes sociais na comunidade dos “portugueses de Xangai”, quer de suporte aos movimentos migratórios, quer no que se refere aos processos de integração social.

Como já tivemos ocasião de referir, o conceito de rede social é hoje nuclear no estudo das migrações. Citando Piselli, Maria da Conceição Pereira Ramos avança as principais potencialidades deste conceito para a análise das migrações na perspectiva da diferenciação sexual, salientando o seu papel de articuladoras de redes sociais: “para reconstruir as trajetórias das mulheres, as dinâmicas das suas escolhas do ponto de partida ao ponto de chegada; para identificar o papel das mulheres nas estratégias de reprodução económica, cultural e social dos grupos étnicos”.³

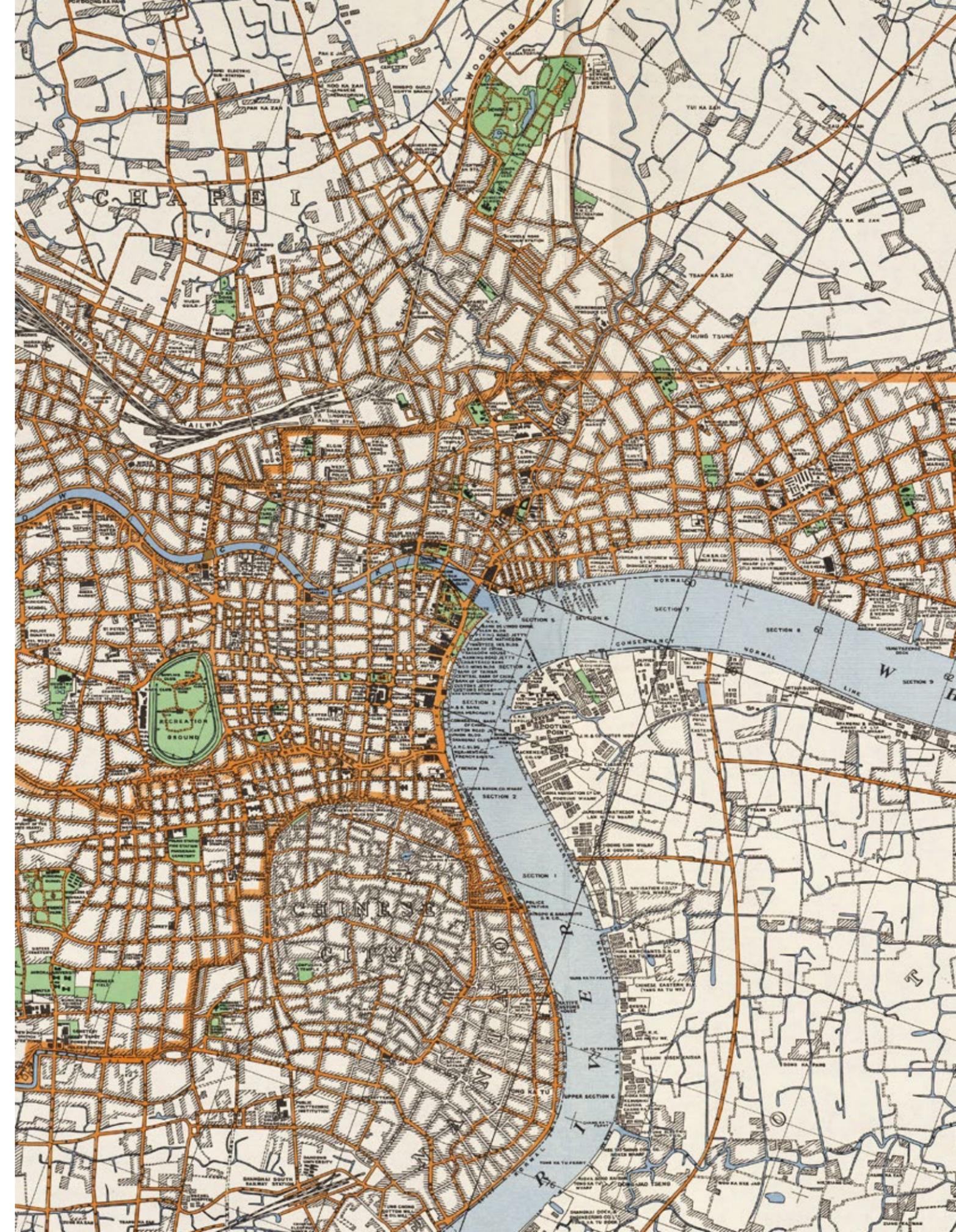
Retomando V. M. Godinho, podemos definir o conceito de papel social como um “conjunto integrado de padrões de conduta”⁴ que ocupa uma posição social numa determinada estrutura, mais ampla, estabelecendo-se assim uma “interacção entre o papel social e o *status*, o seu estatuto na sociedade”.⁵ Assim, o papel social desempenhado pela mulher na comunidade dos “portugueses de Xangai” refere-se,

em primeiro lugar, às acções que assume no contexto familiar e na estrutura social da cidade, e que lhe conferem relevância singular na compreensão das relações que se estabeleceram com as comunidades vizinhas no quotidiano de Xangai. Em segundo lugar, centra-se no modo como contribuiu para a fixação e integração social de um grupo com uma identidade cultural resultante de um processo de miscigenação humana e de hibridismo cultural, no seio do qual vão conviver diferentes realidades culturais, no contexto da sociedade xangaiense.

A realidade social da comunidade dos “portugueses de Xangai” é aqui assumida como o conjunto de migrantes que se fixaram nesta cidade ao abrigo da jurisdição portuguesa, que muitos formalizaram com a inscrição no Consulado de Portugal. Esta comunidade inclui, assim, portugueses de diferentes origens geográficas, portadores de passaporte português, aos quais se juntam todos os homens e mulheres que, por via do casamento, integraram uma família portuguesa, passando a constar dos registos consulares.

Como veremos mais adiante, a maior parte dos migrantes portugueses que se fixaram em Xangai eram naturais de Macau o que implica contextualizar o estudo desta comunidade na realidade migratória mais abrangente da diáspora macaense. Neste sentido, é pertinente analisar as origens geográficas e culturais das mulheres que integraram esta comunidade, na medida em que constituem um dado relevante para compreender as relações que foram estabelecendo com outras comunidades, contribuindo assim para o estudo do fenómeno migratório macaense. Por outro lado, abarcando um leque temporal de cerca de cem anos, a presença dos “portugueses de Xangai” conheceu uma evolução que se traduziu na mudança de comportamentos sociais, em particular entre as mulheres migrantes de segunda geração, reveladora dos processos de adaptação a uma nova realidade social com características distintas das que os seus progenitores conheceram nos territórios de origem, em particular, na cidade de Macau.

A mulher da comunidade dos “portugueses de Xangai” ocupa assim um lugar de destaque na compreensão dos processos migratórios e de integração social que fazem parte do património migratório da realidade da diáspora macaense. Esta realidade deve ser



Detalhe de um mapa de Xangai em 1933.

ESTUDOS DE MACAU

MACAO STUDIES

compreendida no longo período temporal que a baliza, conferindo-lhe contornos estruturais no que concerne aos comportamentos sociais e seus impactes na (re) construção da sua identidade cultural.

Importa salientar ainda que a história da comunidade macaense, entendida na sua diversidade étnica, cultural e social, resulta, em grande medida, da história das migrações que contribuíram, quer para a sua formação em Macau, quer para a sua dispersão pelo mundo. Desde a fixação dos portugueses em meados do século XVI que Macau se transformou num território de convergência de variados fluxos migratórios de origens muito diversas: asiáticas e europeias, em primeira mão, mas também americanas e africanas. Em sentido divergente, encontramos os movimentos migratórios que irradiaram de Macau para diferentes destinos, entre os quais se inscreve a emigração macaense. Este é o essencial do património migratório sobre o qual, em grande medida, se formou também o seu património cultural. Assim, desde o século XVI que Macau se constituiu como território de chegada e de partida de populações diversas. No entanto, o ano de 1842 pode ser considerado um momento de viragem na história destas migrações, ano em que se iniciou um movimento migratório macaense dirigido às cidades de Hong Kong e Xangai, dispersando-se por todos os continentes após a II Guerra Mundial. Com a fixação dos portugueses, o contacto permanente com outros povos, asiáticos, europeus e americanos, proporcionou à sociedade macaense, dentro do seu espaço físico exíguo, conhecimentos e experiências que a ajudaram a ultrapassar os seus limites terrestres e marítimos. No reverso desta medalha, encontramos a disponibilidade dos macaenses para partir, procurando em cidades portuárias vizinhas alternativas de vida, quer como opção para estender negócios familiares, quer pela necessidade de acompanhar as estratégias de expansão de casas comerciais pertencentes a terceiros, normalmente britânicos, americanos ou chineses, quer ainda como resposta a períodos de crise económica.⁶

No centro da complexidade desta teia migratória encontramos a cidade de Macau onde se materializou a formação de uma comunidade com uma identidade cultural cuja singularidade resulta de uma permanente (re)construção, fruto (i) das relações que manteve

Aspecto do Bund na década de 1930.



ESTUDOS DE MACAU

MACAO STUDIES

com todos aqueles que convergiram para o seu porto e (ii) dos processos de integração vividos pelas famílias macaenses que, saindo de Macau, viveram nos diferentes territórios de acolhimento, dispersos pelos cinco continentes.

“A posição de Macau no continente asiático forjou uma personalidade própria, feita de uma cultura de mestiçagem, isto é, a condição macaense resulta da emergência de uma consciência cultural autónoma que transcende a mera aglutinação do humanismo cosmopolita português com a milenar civilização chinesa. O filho de Macau não é *ngao* nem china. Ele transporta esse estigma por todo o mundo, e por mais que o queira disfarçar pode dizer-se que é mais fácil tirar um macaense de Macau do que tirar Macau do fundo de um macaense”.⁷

PORTUGUESAS DE XANGAI: AS ORIGENS

As primeiras informações que nos foi possível recolher sobre os migrantes que se fixaram em Xangai resultam de “uma lista dos subditos portugueses residentes em Shanghai segundo o Recenseamento feito em 31 de Dezembro de 1877”⁸ que o cônsul de Portugal em Xangai remeteu ao governador de Macau e das informações contidas num ofício datado de 1883, também remetido pelo consulado português, desta feita para o ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa.⁹

Em 1877, o número de portugueses em Xangai totalizava 300 indivíduos e, em 1883, chegou a 305 pessoas. Centrando a nossa atenção no recenseamento de 1877, que nos oferece uma informação mais detalhada, podem ser sublinhados, em primeiro lugar, duas realidades que merecem destaque.

Entre a população adulta, com mais de 14 anos, encontramos cerca de 75% de homens e 25% de mulheres (percentagem que se mantém em 1883). Este dado revela o peso da emigração masculina nesta fase de constituição do que poderemos designar pelo núcleo fundador da comunidade dos “portugueses de Xangai”.

No entanto, a análise desta realidade deve ser complementada com os dados referentes ao número de crianças recenseadas, conferindo à percentagem de 25% de mulheres adultas o seu pleno significado. De facto, dos 300 nomes que constam do recenseamento de 1877, quase 39% são crianças com idades inferiores a 15 anos.

Assim, considerando a existência de 106 crianças num conjunto de 300 indivíduos¹⁰ podemos avançar com a hipótese de que, para além de esta emigração ter uma forte componente masculina, conheceu também uma importante emigração familiar, com as mulheres a desempenharem um papel fundamental no alicerçar da comunidade na sociedade de acolhimento.

Podemos ainda considerar a forma como os 300 migrantes se encontravam alojados, no que diz respeito ao número de habitantes por fogo. Distribuídos por 138 alojamentos, 95 pessoas viviam sozinhas (1 hab./fogo), dos quais apenas dois eram do sexo feminino. Simultaneamente, encontramos 30 fogos com quatro ou mais habitantes, albergando no total 173 migrantes. Deste modo se confirma a existência de uma emigração masculina que conviveu com uma emigração de características familiares. Esta última implicou a partida de toda a família, reflectindo os comportamentos demográficos da família tradicional macaense, detentora de um elevado número de filhos. A juntar a esta informação podem ser ainda analisados os diferentes núcleos familiares, na medida em que o recenseamento de 1877 apresentou os nomes dos migrantes agrupados por famílias. Contabilizam-se 43 famílias recenseadas: oito famílias formadas por uma única geração (duas formadas por irmãos e seis casais sem filhos); 33 famílias bigeracionais compostas por casais com filhos entre as quais se contam seis famílias monoparentais (quatro masculinas e duas femininas); duas famílias abrangendo três gerações. Considerando estes 43 núcleos familiares, confirma-se a tendência para a formação de famílias numerosas quando se contabiliza uma média de 4,8 pessoas por família.¹¹

Finalmente, falta-nos olhar para o estado civil da população adulta: dos 188 migrantes que indicam o seu estado civil, 53% declaram-se solteiros, 43% casados e 4% viúvos, mas este equilíbrio desfaz-se quando analisamos os dados do recenseamento em função do sexo. Assim, no caso dos homens, 64% eram solteiros e 33% eram casados, o que corrobora a tese da importância que assumiu a emigração de homens solteiros que, sozinhos, deixaram Macau rumo a Xangai. No caso das mulheres inverte-se a situação: em menor número absoluto, a percentagem das mulheres solteiras fica-se pelos 25%, enquanto que as casadas ultrapassam os 67% (com 8% de viúvas), confirmando-se, mais uma vez, o vector familiar da emigração a partir de Macau.

No que se refere à naturalidade dos migrantes recenseados em Xangai pelo cônsul português, 97% indicam que a sua naturalidade era Macau. Apenas três pessoas nasceram nas possessões ultramarinas portuguesas (duas em Goa e uma em África) e uma localiza o seu nascimento nos Açores. Isto é, a origem do núcleo dos “portugueses de Xangai” assenta na emigração dos macaenses, inserida no fenómeno migratório de características mais globais da diáspora macaense, que alimentou a comunidade de Xangai ao longo dos seus cerca de cem anos de existência.

Este foi o núcleo fundador da comunidade dos “portugueses de Xangai”, inscrito na emigração dos macaenses que, na segunda metade do século XIX adquiriu um novo ritmo, uma nova intensidade e ainda uma maior diversidade de destinos, facto que se acentuará no segundo período da diáspora, durante a segunda metade do século XX. No entanto, com a continuidade do fluxo migratório Macau–Xangai durante um tão longo período de tempo, natural será

TABELA 1 – NÚMERO DE MIGRANTES MACAENSES REGISTRADOS NO CONSULADO DE PORTUGAL EM XANGAI, POR NATURALIDADE (1880-1952)

Origens	Total	%
Xangai	1953	83,1
Macau	1122	
Hong Kong	471	
China	232	9,0
Japão	109	
Singapura / Tailândia / Filipinas	44	
EUA	66	3,3
Grã-Bretanha	36	
Alemanha / Áustria	30	
França	8	
Portugal	56	2,3
Possessões Portuguesas	44	
Leste Europeu / Rússia / Manchúria	98	2,3
TOTAL	4269	100,0

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Xangai (AHD-MNE). Cálculos do autor.

que esta realidade social se complexifique e que outros fluxos migratórios com ele se cruzem, oferecendo à comunidade novas experiências de contacto com outras comunidades, principalmente as que se concretizaram por via do casamento.

Da consulta dos registos do Consulado de Portugal em Xangai (1880-1952) foi possível identificar 4269 migrantes inscritos com indicação da sua naturalidade (ver Tabela 1).¹²

Como se pode constatar pela análise da naturalidade dos “portugueses de Xangai”, mais de 83% dos migrantes presentes nesta cidade tinham origem nas três principais cidades do primeiro período da diáspora: Xangai, Macau e Hong Kong. No que se refere a Macau, encontramos esta cidade como o principal território migratório de origem da comunidade. Hong Kong vem a seguir, referindo-se a migrantes de segunda geração que decidiram partir para Xangai.

No entanto, na totalidade dos inscritos no consulado a naturalidade com o maior número de casos é a própria cidade de Xangai. Este número de 1953 pessoas diz respeito aos filhos da comunidade já nascidos na cidade receptora. No que se refere à sua distribuição por sexo encontramos um certo equilíbrio entre homens (48,7%) e mulheres (51,3%), o qual traduz o que poderemos considerar como o resultado da sua natural evolução demográfica. Situação semelhante ocorre entre os migrantes nascidos em Hong Kong. Tratando-se já de migrantes de segunda geração, a sua experiência migratória e, eventualmente, o maior suporte familiar, habilita-os a concretizar uma emigração de carácter familiar, a qual se traduz num equilíbrio entre homens (53,4%) e mulheres (46,6%). Todavia, deparamo-nos com uma realidade muito diferente quando centramos a nossa atenção nos migrantes naturais de Macau, os quais 72,7% eram homens e 27,3% eram mulheres, voltando a confirmar-se a componente migratória masculina da emigração macaense.¹³

Visto que se trata de mais de 80% da comunidade dos “portugueses de Xangai”, podemos retirar daqui algumas notas conclusivas que nos ajudam a explicar as suas características sociodemográficas e culturais, tendo em conta as suas origens geográficas. Em primeiro lugar, constata-se a necessidade de contextualizar esta comunidade no processo diaspórico macaense, sem o que não é possível compreender esta realidade migratória na sua globalidade e complexidade. Em

ESTUDOS DE MACAU

MACAO STUDIES

segundo lugar, reafirma-se que as diferentes origens territoriais, tendo em conta a variável naturalidade, ofereceram ao fluxo migratório com destino a Xangai a complementaridade de dois tipos de emigração: masculina-singular e núcleos familiares. Uma terceira nota diz respeito ao elevado número de registos de migrantes de segunda geração, quer os naturais de Xangai, quer os naturais de Hong Kong, revelando-nos uma comunidade formada e consolidada num longo período temporal, representada por várias gerações. Finalmente, uma quarta nota a salientar que deriva directamente da anterior: a comunidade dos “portugueses de Xangai”, após a sua fixação em meados do século XIX, foi consolidando a sua presença, ganhando relevância demográfica no conjunto da população estrangeira de Xangai,¹⁴ dando constantes sinais de que apostava em criar raízes, não se considerando uma comunidade migratória provisória ou em trânsito.

Apesar da comunidade dos “portugueses de Xangai” estar representada por cerca de 83% de migrantes cujos territórios de origem são Xangai, Macau e Hong Kong, os restantes 17% não podem ser ignorados sob pena de branquearmos algumas das principais características onde a mulher, em contexto familiar, assume um papel determinante.

No caso dos migrantes com origem noutros territórios asiáticos (9%) todos eles se pautam por um equilíbrio entre homens e mulheres. Em termos quantitativos, o grupo mais importante é o dos migrantes naturais de outras cidades chinesas abertas à presença ocidental como, por exemplo, Cantão, Hankou, Fuzhou, Tianjin, Suzhou e Xiamen. Na sua maioria, eram localidades dispersas, próximas do litoral da China, onde muitos macaenses residiam e nasciam, e que alimentaram a comunidade macaense de Xangai, acompanhando o ritmo do seu crescimento. No mesmo sentido participaram os macaenses naturais do Japão, seguidos daqueles que se encontram agrupados e que nasceram em Singapura, Tailândia e Filipinas, estes a fornecerem os últimos migrantes durante a década de 1940. Este grupo de macaenses manteve um equilíbrio na sua distribuição por sexo com as percentagens de 47% de homens e 53% de mulheres. A ligeira vantagem de migrantes do sexo feminino deve-se aos casamentos realizados em Xangai entre homens macaenses e mulheres naturais daqueles territórios. Só entre os migrantes de “SingTaiFilip” o número de homens

(63,6%) é superior ao de mulheres (36,4%), fazendo supor a existência de uma migração masculina mais significativa entre os migrantes de Xangai de pessoas naturais destes três territórios.¹⁵

A mulher da comunidade dos “portugueses de Xangai” ocupa assim um lugar de destaque na compreensão dos processos migratórios e de integração social que fazem parte do património migratório da realidade da diáspora macaense.

Casos mais singulares ocorrem entre os migrantes registados no Consulado de Portugal em Xangai que indicam serem naturais dos Estados Unidos da América ou de países europeus como a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha/Áustria. Exceptuando este último território, todos os outros são marcados pela forte presença masculina em detrimento da feminina. O número de homens, sempre superior, decorre do facto de se tratar de nomes de cidadãos daqueles países com quem casaram mulheres da comunidade dos “portugueses de Xangai”. Não obstante o seu nome constar dos registos consulares, sabemos que a tendência destas mulheres é a de adoptarem mais tarde a nacionalidade dos maridos. Nestes casos, o casamento das mulheres da comunidade favoreciam o estabelecimento de relações familiares com outras importantes comunidades estrangeiras presentes nas concessões estrangeiras de Xangai, mas tendencialmente davam origem a fenómenos de “saída” da sua comunidade de origem. Situação diferente ocorre com os migrantes naturais da Alemanha e da Áustria com um equilíbrio perfeito (50%) entre homens e mulheres. Vagas sucessivas de judeus chegaram a Xangai, a última das quais refere-se a migrantes da Europa central quando, no final dos anos de 1930, a política anti-semita de Hitler colocou no exílio dezenas de milhar de judeus. Xangai, através das concessões, era um destino muito apetecível, na

medida em que não exigia a apresentação de um visto. A procura de protecção por parte destas populações levou-as a baterem à porta dos Consulados que se encontravam a funcionar em Xangai, e o Consulado de Portugal não foi excepção. O equilíbrio entre homens e mulheres justifica-se pelo facto de se tratar essencialmente de núcleos familiares.

Se o conjunto de migrantes naturais de Portugal e das suas possessões ultramarinas era representado, na sua esmagadora maioria, por uma emigração masculina, em sentido oposto encontramos o grupo de pessoas registadas indicando terem origem em cidades russas ou do leste europeu. Os 98 migrantes deste conjunto de territórios são na sua esmagadora maioria mulheres (86,7%) que integraram as famílias macaenses por via do casamento. Referimo-nos a mulheres da comunidade russa de Xangai que abandonaram o seu país de origem na sequência da revolução bolchevique de 1917 e da guerra civil que se lhe seguiu. As relações de proximidade entre os “portugueses de Xangai” e as mulheres de origem russa que dominam este conjunto de migrantes nasceram do facto de serem duas importantes comunidades que se encontravam presentes nas concessões estrangeiras de Xangai. Mais um exemplo de como esta cidade se transformou num importante ponto de encontro de diferentes fluxos migratórios internacionais. Estas famílias macaenses, normalmente formadas por homens naturais de Macau, Hong Kong ou Xangai e mulheres russas, ilustram bem esta realidade social.¹⁶ Neste caso, as mulheres russas e do leste europeu alimentaram a comunidade dos “portugueses de Xangai”, a qual importou, assim, um grupo cultural diferenciado, oferecendo-lhe novos laços com uma importante comunidade que lhe era vizinha em Xangai.

As “portuguesas de Xangai”, através da análise das suas origens e dos casamentos que realizaram, umas abrindo a porta à sua futura “saída” da comunidade, outras “entrando” na comunidade, desempenharam um importante papel no estabelecimento de relações com outras comunidades, importando lembrar que a comunicação dos macaenses com pessoas de origens muito diversas, através do casamento, era algo já comum no seu principal território de origem, Macau, importando essa mesma dinâmica para o território de chegada, Xangai.

Podemos assim considerar que a família macaense desempenhou um papel fundamental em todo o processo migratório e no enraizamento da comunidade

em Xangai até ao final da década de 1940. Quer pela emigração de núcleos familiares previamente constituídos, quer pela formação de famílias em Xangai, estas constituíram-se como um meio de construção de laços com outras comunidades presentes nas concessões estrangeiras.

Importa ainda salientar a ampla diversidade de origens com as quais a comunidade macaense, através da família, se foi relacionando, registando-se, por um lado, movimentos de transferência de pessoas para outras comunidades e, por outro lado, a integração de migrantes de outras origens no seu seio. Em grande parte, são as mulheres quem protagonizam este movimento, na medida em que são elas que saem ou entram na comunidade: ou porque, casando, assumem a nacionalidade do marido (ingleses, americanos, por exemplo), ou porque grande parte das pessoas que entram são mulheres de outras origens (russas são o caso mais paradigmático). Mesmo no caso de abandono formal da nacionalidade portuguesa, tal não implicava que, no seu quotidiano, essas mulheres rompessem com a comunidade de origem, pois as relações familiares manter-se-iam, acrescentando novos laços, sem que, no essencial, nenhum se perdesse. Por outro lado, a população feminina constituía-se também, no contexto familiar, como um importante guardião e transmissor do quadro cultural macaense, em muitos dos seus domínios. Este movimento de pessoas entre comunidades pode apresentar contornos distintos, mas aquele que sobressai é o das famílias macaenses, da comunidade e do Consulado de Portugal se constituírem em espaços sociais e institucionais de acolhimento a muitos migrantes, mulheres e famílias, que fugiam da adversidade política e social que os seus territórios de origem vivenciaram naquela época (o nazismo alemão, a revolução bolchevique na Rússia ou a II Guerra Mundial). Estes laços entre comunidades, motivados, em parte, por uma função de refúgio que Xangai desde sempre protagonizou, oferecem-nos, no seu reverso, uma imagem de acolhimento e de aceitação do outro por parte da comunidade macaense.¹⁷

PORTUGUESAS DE XANGAI: A INTEGRAÇÃO NA ESTRUTURA PRODUTIVA DE XANGAI

A segunda parte da nossa questão inicial refere-se ao papel que a mulher poderá ter desempenhado na integração da comunidade na sociedade de Xangai.

ESTUDOS DE MACAU

MACAO STUDIES

Reconhecemos que, neste processo de integração, a forma como os migrantes ocupam o seu espaço social no tecido produtivo da cidade tem um lugar de destaque.

No seu conjunto, retomando os dados recolhidos nos livros de registo consular, foi possível identificar as profissões de 3546 migrantes, num total de 5263 inscritos, entre 1880 e 1952 (Tabela 2).¹⁸

Ao ensaiarmos a análise da distribuição dos migrantes por sectores de actividade, o primeiro destaque vai para o elevado número de pessoas (1471, representando 41,5% do total) que indica não estar a desempenhar qualquer actividade produtiva, assumindo-se como desempregados, domésticas ou estudantes.

TABELA 2: SECTORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICO-PROFISSIONAL DA COMUNIDADE MACAENSE DE XANGAI (1880-1952)

Sectores de Actividade	N.º	%
Actividades Comercial-Financeira	1743	84,0
Administração Pública	98	4,7
Serviços Socioculturais	71	3,4
Ofícios Especializados Superiores	62	3,0
Actividades Marítimas	59	2,9
Actividades Industriais	27	1,3
Serviços Pessoais	15	0,7
Subtotal	2075	100,0
Domésticas	794	
Estudantes	647	
Desempregados	30	
Subtotal	1471	
TOTAL	3546	

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Xangai (AHD-MNE). Cálculos do autor.

A distribuição por sexo (Tabela 3) ajuda-nos a explicar a existência destas três situações perante o emprego entre os macaenses de Xangai.¹⁹

Todos os desempregados eram do sexo masculino (com apenas uma excepção), confirmando-se o domínio dos homens no mercado de trabalho, não obstante a crescente presença da mulher a partir dos anos 20. Dos 29 desempregados, 23 dizem respeito a registos datados da década de 1940, época em que a cidade de Xangai viveu as profundas convulsões políticas que abalaram a China e o mundo. O segundo grupo considerado entre as actividades não produtivas diz respeito às “domésticas”, todas elas do sexo feminino porque englobam todas as mulheres que não desempenhavam qualquer profissão fora de casa. O seu crescimento ao longo do tempo que sabemos existir apenas se explica pelo aumento da sua presença nas matrículas do consulado português. Finalmente, no que diz respeito aos “estudantes”, observa-se uma distribuição equilibrada entre sexos pois incide sobre os filhos dos migrantes e a sua composição resulta da evolução demográfica natural da comunidade.

Esta forte presença feminina no grupo de “domésticas” oferece-nos o retrato de uma comunidade onde a mulher continuava a ocupar o lugar tradicional de mãe e dona de casa no seio da família. Todavia, os dados que as matrículas consulares nos oferecem, principalmente tendo em conta a evolução que se regista a partir da década de 1920, permite-nos perceber que este retrato social da mulher não é estático, tendo evoluído ao longo do tempo.

TABELA 3: MACAENSES DESEMPREGADOS, DOMÉSTICAS E ESTUDANTES, REGISTADOS NO CONSULADO PORTUGAL EM XANGAI, POR SEXO (1890-1950)

Situação Profissional	Sexo		Total
	Masc.	Fem.	
Desempregado	29	1	30
Doméstica	0	794	794
Estudante	329	318	647
Total	358	1113	1471

Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Xangai (AHD-MNE). Cálculos do autor.

Retomando a Tabela 2, constatamos que o principal sector de actividade dos macaenses incide sobre o mundo comercial e financeiro da cidade. Abrangia todos os empregados de comércio que trabalhavam nas casas estrangeiras das concessões internacionais, assim como os negociantes/proprietários e os funcionários a trabalhar no sistema financeiro. No que diz respeito aos empregados de comércio, estes correspondiam à maioria dos membros da comunidade. Este grupo de profissionais totaliza 80,1% dos 1743 casos considerados. Empregado de comércio era uma profissão predominantemente masculina, como o eram aliás todas as profissões nesta época: dos 1743 casos classificados como “Actividades Comercial e Financeira”, 88,4% referem-se a migrantes do sexo masculino.

Todavia, é neste grupo que assumem maior visibilidade algumas das mudanças sociais que ocorreram na sociedade xangaiense ao longo dos seus cem anos de existência, nomeadamente no que diz respeito ao acesso da mulher ao mercado de trabalho. A modernização da cidade, especialmente a partir da década de 1920, foi acompanhada por mutações no papel social da mulher, assumindo funções em diferentes áreas de actividade, quer na vida social e política, quer nas artes e nas letras, quer ainda no sector produtivo. Para além de se transformar, ao longo da primeira metade do século xx, num importante agente de consumo, a mulher de Xangai, graças às possibilidades de acesso à instrução, ao consumo e ao trabalho, deu passos importantes no seu processo de emancipação.²¹

No caso das mulheres macaenses, podemos observar um aumento do número de mulheres matriculadas no consulado a partir da década de 1920, passando de nove casos registados na década anterior para 49 (Figura 1) e continuando a aumentar nas duas décadas seguintes. Este aumento deve-se, em grande medida, à matrícula das filhas dos imigrantes macaenses

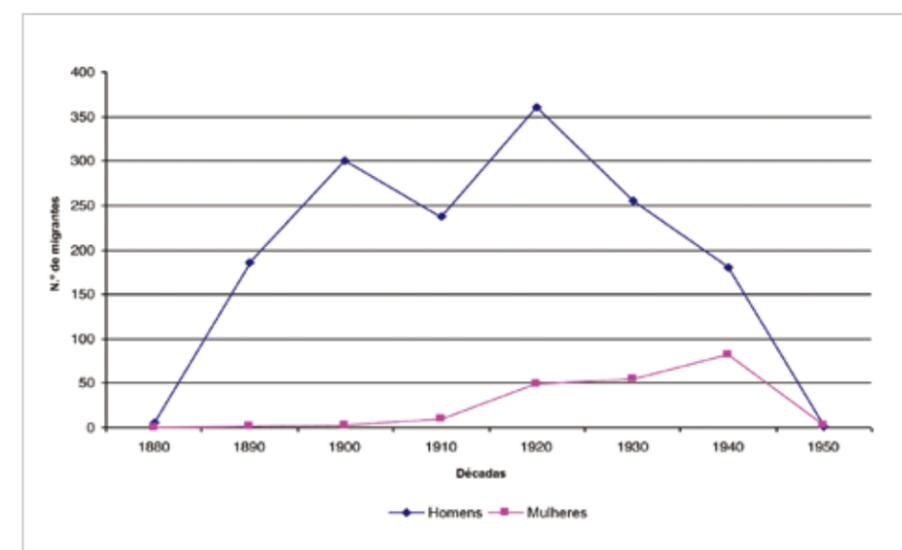


Fig. 1 - Migrantes a exercer profissões nas actividades comercial e financeira, por sexo (1880-1952). Fonte: Livros de Matrícula do Consulado de Portugal em Xangai (AHD-MNE). Cálculos do autor.

que, ao efectuarem o seu registo quando completavam os 21 anos de idade informavam exercer uma profissão no sector comercial. Este facto pode ser analisado na perspectiva de dois níveis de integração da comunidade macaense de Xangai: a participação da nova geração de mulheres macaenses que se integra no movimento mais vasto de emancipação da mulher de Xangai; a absorção de uma nova força de trabalho nas casas comerciais estrangeiras, herdeira do espaço funcional que os macaenses da primeira geração ocuparam quando se fixaram em Xangai.²²

Para além das matrículas consulares, foram também analisados os 504 processos de casamento registados no Consulado de Portugal em Xangai, entre 1916 e 1951 (Figura 2).²³

A informação disponível, entre 1916 e 1951, permite-nos conhecer os migrantes e as suas opções de casamento numa fase em que a comunidade já estava consolidada. A sua distribuição no tempo revela-nos a estabilidade sociofamiliar da comunidade macaense que se fixou em Xangai e, em particular, o seu aumento a partir da década de 1920 pode ser o reflexo da existência de uma segunda geração de migrantes. Esta estabilidade do número de casamentos, sempre superior a oitenta nos intervalos de tempo adoptados, retrata também uma comunidade que se manteve socialmente activa, mesmo num contexto adverso como aquele que se viveu durante a década de 1940.

ESTUDOS DE MACAU

MACAO STUDIES

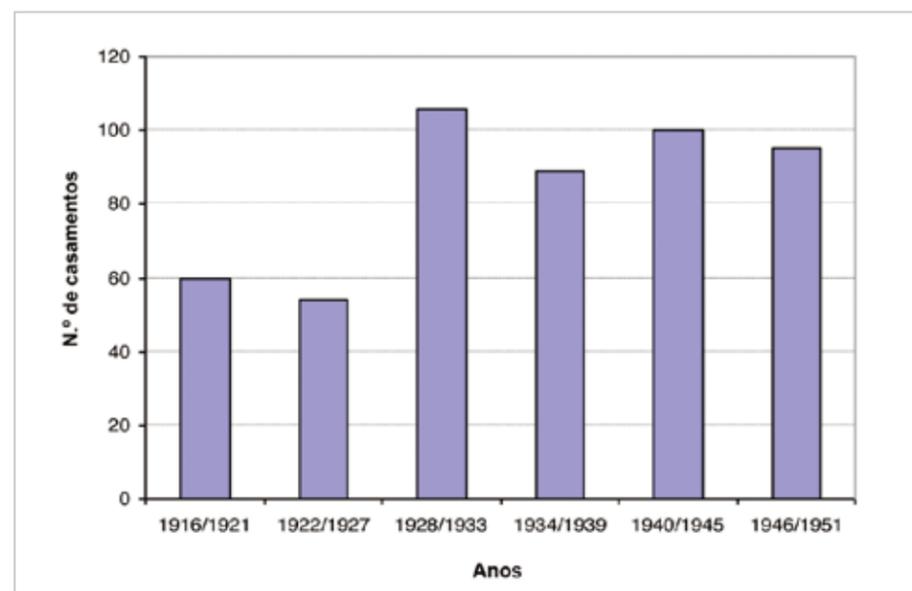


Fig. 2 - Casamentos celebrados no Consulado de Portugal em Xangai (1916-1951).
Fonte: Processos de Casamento do Consulado de Portugal em Xangai (AHD-MNE). Cálculos do autor.

Centrando a nossa atenção nas profissões indicadas pelos noivos nos registos do casamento, de acordo com o seu sexo, confirmamos algumas das ideias já delineadas anteriormente, mas outras podem ser adicionadas.

De um modo geral, as principais actividades profissionais que ocupavam os homens da comunidade macaense continuavam a estar associadas à intensa actividade económica do seu porto e à administração da cidade. Mas não deixa de ser significativo o aparecimento de outros grupos culturais-nacionais associados a profissões que extravasavam a área de actividade tradicionalmente ocupada pelos macaenses. É o caso das profissões de mecânica e engenharia, onde surgem, para além dos naturais de Xangai, Hong Kong e Macau, quatro italianos, um americano, um alemão e, ainda, um homem oriundo da Índia inglesa. Encontramos ainda actividades profissionais associadas às áreas de segurança (militares e polícias), com um total de 11 homens: sendo dois naturais de Xangai, os restantes são americanos (seis), dinamarqueses, ingleses e portugueses europeus (um de cada). Por último, podemos referir a existência de quatro jornalistas: para além de dois, que são naturais de Xangai, encontramos também um inglês e um japonês. Para além deste retrato social coincidir com a estrutura socioeconómica de Xangai, a qual se caracterizava por uma divisão social do trabalho tendo por referência os diferentes grupos culturais-nacionais, atrevemo-nos

também a afirmar que o casamento contribuiu para diversificar os contactos com outras comunidades, em parte alargando as esferas sociais de influência onde a comunidade macaense se movimentava na sociedade xangaiense.²⁴

No que às mulheres diz respeito, continuou a registar-se a falta de indicação de uma actividade profissional, manifestada através de uma simples ausência de informação (16,3%) ou da indicação de “doméstica” (63,3%). Mas esta é agora uma verdade parcial, pois entre os 20% das mulheres que nos

indicam uma profissão, encontramos 15,9% integradas no sector comercial, sendo a sua maioria natural da cidade de Xangai (11,5%), seguindo-se, depois, Hong Kong, China e Macau. Esta presença de mulheres macaenses naturais de Xangai sugere-nos a integração das filhas dos migrantes no sector socioprofissional preferencialmente ocupado pelos seus pais e, ainda, a existência de um processo social emancipatório que as mulheres de Xangai viveram na cidade após a I Guerra Mundial. Relembremos que os registos de casamento começaram a ser realizados em 1916.²⁵

Resta identificar, mesmo tratando-se de casos isolados, as actividades profissionais de algumas mulheres cujas nacionalidades tinham uma presença visível na comunidade dos macaenses de Xangai: as de origem russa tinham profissões na área da saúde, administração e entretenimento (por exemplo, “enfermeira”, “administrativa” e “artista”); entre as inglesas, encontramos duas “jornalistas” e uma “enfermeira”; e, ainda, uma professora francesa e uma contabilista alemã.

NOTAS FINAIS

Com este breve estudo centrado na comunidade dos “portugueses de Xangai” ensaiámos uma análise ao papel que a mulher emigrante desempenhou neste

fluxo migratório que partiu de Macau, alargando-se rapidamente a outros territórios de origem e garantindo, assim, a reforço das suas características interculturais.

Duas linhas de análise foram privilegiadas: por um lado, o casamento foi observado numa perspectiva de prática social facilitadora do estabelecimento de relações com outras comunidades nacionais/culturais; por outro lado, a sua inserção na estrutura produtiva de Xangai foi considerada como um dos vectores que permitem compreender as estratégias de integração social adoptadas pelas famílias que se fixaram na sociedade de acolhimento.

A família surge assim como um referente social de particular relevo no estudo sobre a mulher no seio de uma determinada comunidade, pelo lugar central que ocupou naquele que é considerado “um contexto social decisivo na produção biológica e cultural dos indivíduos”, constituindo-se como “um dos quadros sociais onde, de forma mais intensa e contínua, se partilham recursos e experiências, se formam disposições e projectos, se desenvolvem práticas quotidianas e estratégias de vida”.²⁶

O estabelecimento de laços de parentesco, por via do casamento, com outros grupos sociais alargou, ainda mais, o património cultural herdado pela comunidade no seu território de origem mais próximo – Macau. Através da mulher, facilitaram-se as “saídas” e “entradas” na comunidade mas, fundamentalmente, reforçaram-se as práticas de estabelecer contactos com o “outro”, oferecendo a possibilidade de vivenciar novas experiências num quotidiano multicultural. Deste modo, as redes sociais em que assentou a diáspora macaense foram-se alargando, importando novos processos de (re)configuração cultural.

A evolução que as “portuguesas de Xangai” conheceram quanto ao lugar que ocuparam na estrutura produtiva da sociedade de Xangai deu sinais claros do seu processo de integração social neste território de acolhimento. As mulheres que progressivamente se foram introduzindo no mercado de trabalho deram continuidade à ocupação de nichos étnicos que, desde a origem da comunidade em meados do século XIX, foram ocupados pelos homens macaenses, centrados nas actividades comerciais e financeiras da cidade. **RC**

NOTAS

- O presente artigo retoma o quadro conceptual e os dados reunidos que estiveram na base da tese de doutoramento. Cf. Alfredo Gomes Dias, *Diáspora Macaense. Macau, Hong Kong, Xangai (1850-1950)* (Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau / Fundação Macau, 2014).
- Vitorino Magalhães Godinho, *Problematizar a Sociedade* (Lisboa: Quetzal, 2011), p. 25.
- Maria da Conceição Pereira Ramos, “Mulheres portuguesas na diáspora: Inserção laboral e papel das redes sociais”, in Leonor Diaz de Seabra e Maria Antónia Espadinha (eds.), *A Voz e a Voz da Mulher Portuguesa na Diáspora: Macau e Outros Lugares – Actas do III Congresso Internacional* (Macau: Universidade de Macau, 2009), p. 318.
- Ibidem*, p. 104.
- Ibidem*, p. 105.
- Cf. Alfredo Gomes Dias, *Diáspora Macaense*, cit., p. 241.
- Roberto Carneiro citado por Manuela Araújo e Ilda Januário, “Mulheres macaenses no Canadá: A vida são asi”, in Leonor Diaz de Seabra e Maria Antónia Espadinha (eds.), *A Voz e a Voz da Mulher Portuguesa na Diáspora: Macau e Outros Lugares ...*, cit., pp. 98.
- Ofício N.º 69, de 6 de Maio de 1878, do Cônsul de Portugal em Xangai, para o Governador de Macau (Centro Científico e Cultural de Macau: MCAHM/AC/13/682/A.G12).
- Cf. ofício N.º 11, de 1 de Junho de 1883, do Cônsul de Portugal em Xangai, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, J. A. Corte-Real. (Centro Científico e Cultural de Macau: MCAHM/AC/24/693/A.G12 – P. 438).
- No recenseamento de 1877, 27 pessoas não indicam a idade. Cf. Alfredo Gomes Dias, *Diáspora Macaense*, cit., p. 282.
- Ibidem*, p. 284.
- Ibidem*, p. 319.
- Cf. *ibidem*, p. 321.
- Cf. *ibidem*.
- Cf. *ibidem*.
- Cf. *ibidem*, p. 344.
- Cf. *ibidem*, p. 355.
- Ibidem*, p. 379.
- Ibidem*, p. 390.
- Cf. *ibidem*, pp. 389-390.
- Cf. Marie-Claire Bergère, *Histoire de Shanghai* (Paris: Fayard, 2002) citado em Alfredo Gomes Dias, *Diáspora Macaense*, cit., p. 380. Sobre a liberdade e emancipação da mulher em Macau, ler o texto de Joseph Abraham Levi, “A mulher macaense do novo milénio: pós-colonial e ponte entre culturas”, in Leonor Diaz de Seabra e Maria Antónia Espadinha (eds.), *A Voz e a Voz da Mulher Portuguesa na Diáspora: Macau e Outros Lugares ...*, cit., pp. 47-81.
- Cf. Alfredo Gomes Dias, *Diáspora Macaense*, cit., pp. 380-381.
- Processos de Casamentos do Consulado de Portugal em Xangai. M: 70-77, 1916-1951 (Arquivo Histórico-Diplomático-Ministério dos Negócios Estrangeiros). Alfredo Gomes Dias, *Diáspora Macaense*, cit., p. 349.
- Cf. Marie-Claire Bergère, *Histoire de Shanghai*, citado em Alfredo Gomes Dias, *Diáspora Macaense*, cit., p. 354.
- Cf. *ibidem*.
- António Firmino da Costa, *Sociologia* (Lisboa: Quimera, 2009), p. 100.